

CASTRO, José Acácio; TEIXEIRA, António Braz (Prof.)
– *Antropologia e Estética no Pensamento Português (1850-1960)*.
Maia: Cosmorama Edições, 2016, 323 p.

Neste livro, José Acácio Castro reúne trabalhos que foi fazendo na sua investigação persistente sobre autores portugueses, nas áreas da antropologia, a maioria, e da estética, mas num caso, também de ética. Apenas um dos textos é explicitamente sobre ética, mas a preocupação pela interpretação e regulação responsável do mundo é contínua quando percorremos estes diversos trabalhos. Porquê a antropologia e a estética? O próprio Autor o diz na introdução: são as matérias de sua predileção entre as que leciona aos estudantes da Faculdade de Teologia. Esta ligação entre docência e investigação é um dos méritos do livro, pois mostra a preocupação do professor em comunicar um saber dinâmico, um saber em que o docente é também discente. Não é esse o ideal recente da universidade, ideal que é um regresso à sua origem medieval: a universidade como um ensaio permanente não só do livre ensinar e aprender, mas do livre viver em sociedade?

Para dar uma ideia do conteúdo do livro, direi que tem estudos sobre Antero de Quental, Leonardo Coimbra, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro, José Marinho, que são os nomes maiores do pensamento português, mas também sobre outros como Teófilo Braga, Oliveira Martins, Miguel Bombarda, Manuel Laranjeira, Teixeira Rego, Aarão de Lacerda, José Régio. Alguns são um pouco fora de série, como são os casos de D. António Ferreira Gomes, Diamantino Martins, José Enes. Para usar

a terminologia de António Braz Teixeira, diremos que os estudos são principalmente sobre autores da Escola Portuense, sendo que o que o mesmo autor chama a Escola Bracarense não está esquecida, através da obra de Diamantino Martins.

A reflexão aqui colocada ao dispor de um público que esperamos numeroso é o resultado do esforço que se vem fazendo na Universidade Católica no Porto para dignificar o pensamento português. Não para fechar em si mesmo o pensamento português, seja pelo orgulho que diminui, seja pelo orgulho sem lucidez que não dá a justa medida do valor. Este livro é um testemunho de que há trabalho filosófico e teológico que se faz no Porto, conservando e aumentando uma tradição que remonta ao século XIX, para não irmos mais longe. A existência de um Centro de Estudos do Pensamento Português, no qual José Acácio teve um papel de relevo, é um testemunho deste labor. A publicação deste livro é um sinal da continuidade desse trabalho, nas novas condições institucionais.

Não é sensata a pretensão de falar, no âmbito de uma apresentação, de todo o conteúdo desta obra. É justo dizer que é um belo livro, escrito com a elegância expressiva de alguém que tem obra poética publicada. José Acácio Castro escreve filosofia na sua qualidade de poeta. Ele não faz antropologia como quem descreve o seu objeto de maneira distante. Faz filosofia como quem é ator de um drama compartilhado com os

semelhantes no palco deste mundo. A filosofia é uma iluminação do caminho do Homem no mundo, uma iluminação comprometida e responsável.

Os estudos contidos na obra pretendem ser uma hermenêutica do pensamento dos autores abordados. Se quiséssemos caracterizar o seu método de trabalho, ocorreria dizer que o pensamento de José Acácio Castro ficou marcado pela sua longa frequência dos medievais, campo onde se formou. Por isso, a sua interpretação é marcada pela sua aristotélica atenção ao positivo, mas platonicamente aberta, sem cessar, à metáfora e ao símbolo, por onde afloram as malhas mais profundas do sentido. O mesmo se diga da sua colocação diante do último encenador do drama do mundo, que chamamos Deus, a que a pena do filósofo dá o seu lugar, com muita elegância e finura ao longo destes textos.

Apela-se, pois, à leitura desta obra, começando pelo prefácio de António Braz Teixeira. O livro refere um período de tempo muito importante para compreendermos o tempo que vivemos. De facto, hoje em dia somos herdeiros do tipo de problemas que vêm a ser discutidos desde a segunda metade do século XIX, altura em que certos aspetos da modernidade começaram a ser significantes para a cultura portuguesa. Entre esses, o problema da autonomia humana e a regulação democrática da sociedade. Este movimento é acompanhado da discussão sobre a laicidade e o lugar da religião, enquanto fator de importância pública. Muitos dos autores estudados se movem dentro deste drama. Por um lado, sentem a urgência de conceber o sentido do Homem no mundo segundo a autonomia e a responsabilidade. Por outro, não encontram uma solução conceptual para poderem continuar a ser crentes

com coerência lógica. Reparemos que a maioria dos autores estudados desertou a religião positiva, mas manteve uma crença deísta, agnóstica, ou filiou-se em antigos e novos movimentos esotéricos e gnósticos, como é o caso de Sampaio Bruno, entre outros.

Mas não é só este ponto que liga o livro à nossa atualidade. O povo português vive uma certa crise de orfandade, desde o fim do Antigo Regime. Por isso, ainda hoje tem tendência a confiar-se ao Estado. A modernidade em Portugal, desde o Marquês de Pombal, sempre se preocupou mais com o anticlericalismo do que com o robustecimento da autonomia do povo. É justo dizer que a Igreja também nunca fez essa discussão sobre autonomia e responsabilidade. Este livro é um bom contributo para esse robustecimento espiritual dos seres humanos em Portugal, para que possam tomar conta do seu destino e levarem até ao fim o processo de autonomia da modernidade.

Outro aspeto ainda que mostra a atualidade do livro. Os estudos aqui publicados são um exemplo do que é a filosofia, em comparação com os outros saberes. A filosofia é um saber anterior, ligado ao absoluto que precede todos os outros saberes, sem os englobar e sem ser englobado por eles. Esta justificação do absoluto que a tudo precede e que se oferece de forma gratuita e não disponível de forma positiva ou manipuladora, é imprescindível para construirmos uma sociedade livre, tolerante e respeitadora de todas as diferenças. Quando a cultura não recua perante a precedência benéfica do absoluto, acontece o domínio de uns sobre os outros, a intolerância. A filosofia é um exercício de atitude e este livro um exercício de atitude. Apenas assim podemos cultivar a atitude de respeito pelo outro, sem servilismo e sem medo.

Jorge Teixeira da Cunha